

A Revista Nova Escola, publicou, recentemente, um artigo intitulado “Criança Pobre não Aprende”, que procura demonstrar as fragilidades da educação no passado e as novas possibilidades de acesso à educação básica. O texto menciona que “Somente na década de 1990, o Brasil conseguiu ultrapassar a marca de 90% da população de 7 a 14 anos no Ensino Fundamental - hoje esse índice é de 97,6%.” Muito bem, os índices aumentaram, o acesso é maior, os números cresceram, mas o que se ensina, o que se aprende? De acordo com os números quase 100% da população entre 7 a 14 anos têm acesso ao Ensino Fundamental, mas em quais bases de formação? Esta é a pergunta que fazemos quando recebemos esta população no ensino superior.

Vejamos o contrassenso. Por um lado, os índices de oferta e permanência na educação básica estão aumentando, por outro as Instituições de Ensino Superior (IES) estão obrigadas a oferecer nivelamento para que todos os alunos estejam no mesmo nível de conhecimento “básico” e assim possam permanecer no ensino superior para serem os profissionais “do futuro”. Pergunto: Que futuro?

Para o povo brasileiro o futuro é agora, se precisarmos de nivelamento, quanto tempo teremos que esperar para estarmos aptos aos postos de trabalho que almejados? Quanto tempo levará nossa formação acadêmica? Quantas IES sobreviverão tendo que fazer o papel que a educação básica pública não faz?

A mesma reportagem cita a seguinte frase “Se o país avançou na ampliação do acesso e estudar é um direito universal, cabe agora ao sistema oferecer um ensino de qualidade, garantindo a permanência de todos nas salas de aula.”(grifo meu). É isso, permanência na sala de aula, números, isso sim é o que importa.

Até quando vamos nos render a estas condições nada HUMANAS, chega de aceitarmos ser apenas mais um número para colaborar com os gráficos apresentados em propagandas de televisão, anúncios de outdoor, revistas e jornais, o importante não é quantos de nós ocupam os bancos escolares da educação básica, especialmente no ensino fundamental, mas, com quais competências e habilidades estamos sendo formados? Para que situações da nossa vida diária somos preparados? Quais aprendizagens têm sido significativas? O que seremos e o que poderemos fazer pelo país ao sairmos da “escola”.

Se a quantidade é tão importante, que pode render até mesmo um congresso em nível nacional, para discutir as possibilidades de se colocar 10 milhões de estudantes no ensino superior ainda nesta década e com isso formar para o mercado de trabalho excelentes profissionais, então é preciso começar na base, com investimento público sério e predominante na base, no ensino básico (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), começando pelos docentes, que são os pulmões da escola, porque o coração são as crianças.

Encher os bancos das escolas ou oferecer oportunidades de estudos para todos?

Escrito por Angelica Bocca Rossi
Qua, 13 de Abril de 2011 00:00

Somente encher os bancos das escolas básicas sem qualidade, não fará do Brasil um país com pessoas bem formadas, mas oferecer oportunidade de estudos, com qualidade, comprometimento e empenho, tratando a educação com prioridade, certamente mudará o cenário brasileiro.